

# O maestro que deu brasilidade à música brasileira

■ Lucas Bonates

Heitor Villa-Lobos, o maior representante da música brasileira de todos os tempos, tinha entre suas principais características a genialidade musical, um temperamento intempestivo e uma estreita ligação com a música popular. Um fato resume a importância do maestro para a música em todo o mundo: em 1961, o então prefeito de Nova York, Robert Wagner, proclamou o dia 5 de março como o Dia Villa-Lobos.

O maestro deixou um legado de inúmeras músicas (escritas e gravadas), que são referência em todo o mundo. Vários músicos e intérpretes revisitam sua obra. A singularidade das composições de Villa-Lobos se manifesta na presença de elementos da cultura folclórica brasileira, de sons característicos de diferentes regiões do país e da música indígena, que foram objetos de pesquisa do músico em suas viagens pelo interior do Brasil.

Heitor Villa-Lobos nasceu em 5 de março de 1887. Seu pai, Raul Villa-Lobos — professor, músico e funcionário da Biblioteca Nacional — ensinou violoncelo e clarinete ao pequeno *Tuhu*, como era chamado. Com 16 anos já havia composto peças como *As Sedutoras*, a pedido da mãe, e a mazurca *A panqueca*, para violão. Recebia dinheiro para seu sustento tocando com um grupo de chorões, liderados pelo violonista Quincas Laranjeiras, Anacleto de Medeiros, Zé do Cavaquinho, Felisberto Marques e Luiz Gonzaga da Hora também faziam parte do grupo, que se apresentavam em bares, pensões, cabarés, no Teatro Recreio e no Cinema Odeon.

Em 1922, foi convidado por Graça Aranha para se apresentar na Semana de Arte Moderna. A partir de então, começou a ser reconhecido como um talentoso músico pelos críticos brasileiros. Mas foi em Paris — capital mundial da cultura na época — que se consagrou como compositor, regente, maestro e gênio.

De volta ao Brasil, o maestro foi indicado por Anísio Teixeira para dirigir a Superintendência de Educação Musical e Artística (Sema), em 1930 durante o governo Getúlio Vargas. Implementou o ensino obrigatório de Música e Canto Coral nas escolas, recebendo muitas críticas por isso. Os corais orfeônicos reuniam milhares de estudantes que se apresentavam em estádios como o de São Januário. Músicos como Pixinguinha e João da Bahia acompanhavam os alunos nas exibições cívicas. Villa-Lobos morreu de câncer em 17 de novembro de 1959, no Rio de Janeiro.

## Professora da UFRJ lança livro sobre Villa-Lobos

O Museu Villa-Lobos — o mais importante centro de documentação bibliográfica, iconográfica e audiovisual sobre o maestro no mundo — foi criado por Arminda Neves D'Almeida, segunda esposa de Villa-Lobos. Seu principal objetivo é divulgar a obra e preservar a memória do compositor.

Em 1987, em comemoração ao centenário do nascimento do maestro, o Museu Villa-Lobos, sob a gestão do professor da UFRJ, Turíbio Santos, realizou um concurso de monografia que tinha como tema *Villa-Lobos e a Música Popular Brasileira*. Encontrar livros sobre sua influência na música brasileira não é fácil, apesar de sua relação com a música folclórica.

Ermelinda Paz, professora da Escola de Música da UFRJ, foi a vencedora do concurso. A escassez de ma-

terial publicado relacionado ao tema obrigou-a a realizar consultas nos arquivos do Museu Villa-Lobos, do Museu da Imagem e do Som, na sessão de microfílm da Biblioteca Nacional e entrevistar personalidades. "Foi minha maior dificuldade, mas também meu grande trunfo. Consegui cartas escritas de próprio punho pelo maestro Villa, quando de sua primeira viagem a Paris, endereçadas a Carlos Eduardo Guinle Filho, que sustentava o músico nessa época". O material colhido permitiu à autora escrever capítulos que não eram exigidos no concurso. *Síntese Biográfica, O Brasil e a música brasileira na obra de Villa-Lobos, Estes brasileiros ilustres* e *Coda* estão entre os "extras" incluídos no livro publicado.

Em 5 de março de 2004, Ermelinda Paz, lançou o livro *Villa-Lobos e a Música Popular Brasileira*, no Museu Villa-Lobos. Entrevistada pelo *Jornal da UFRJ*, a professora revela a importância de sua obra, enfatizando as etapas da construção. Segundo ela, foi muito difícil, mas também prazeroso. O Museu Villa-Lobos celebrou o Concurso de Monografia, em 1987, ano em que se completavam 100 anos do nascimento do maestro. O candidato precisava seguir um roteiro determinado pelo museu, mas havia apenas um artigo publicado que serviria como fonte bibliográfica, escrito por Hermínio Bello de Carvalho. "Para superar essa dificuldade, pesquisei muito. Na sessão de microfílm da Biblioteca Nacional, por exemplo, li todos os jornais da época. Consegui a autorização para publicar a partitura da música *Ojú Burucú*, composta por Sinhô (J. B. da Silva) e dedicada a Villa-Lobos, publicada em um jornal, se não me engano de 1925", afirma Ermelinda.

Entre esses desafios, Ermelinda Paz pode revelar que muitos músicos populares, como Cartola, Pixinguinha e Zé Pernambuco eram mal pagos, porque, "na época não havia leis que protegessem os artistas e suas obras. Leis cobrando Direitos Autorais e de Imagem são recentes. O surgimento da TV impulsionou tanto a carreira de intérprete, para a gravação. Passaram horas gravando no navio Uruguai e não receberam praticamente nada. Não tiveram nenhum retorno. Muitos ficaram enfurecidos. As exceções foram Cartola, Aloísio Dias e D. Neuma, que ouviram depois o trabalho feito. Mas a maioria morreu sem ouvir o que realizou. O que alguns receberam não era suficiente para comprar três maços de cigarros, na época".

Diante do contexto do movimento modernista, não se pode dizer que Villa-Lobos era moderno. "Na verdade, ele estava muito adiante de seu tempo. Participou do movimento como convidado. Mas não tinha grandes pretensões. Seu desejo era que suas músicas fossem ouvidas, por isso compunha. Houve uma ocasião em que um professor da Universidade de Nova York, pediu-lhe explicações sobre uma obra

do maestro que ele estava tentando analisar, mas não conseguia. Ele respondeu: 'olha, quero que toquem minha música, não precisa analisá-la'. Ele ainda tinha muito para escrever e poucos dias antes de morrer confidenciou a David Nasser, que ainda tinha anos de música na cabeça".

Por outro lado, alguns autores criticam o maestro por haver assumido um cargo público no governo autoritário de Vargas. Outros dizem que sua música perdeu qualidade nesse período. Mas, na verdade, "Villa-Lobos tinha convites para permanecer em Paris e para lecionar em Universidades de Nova York. Ele teve dificuldades no início de carreira, mas na década de 30 era importantíssimo na Europa. Segundo ele, a gratidão por esta terra o fez voltar. Se quisesse continuar com uma vida boa e confortável na Europa, ficaria. Já era considerado um Stravinski. Além do mais, não era subserviente ao presidente. Usou o poder que Getúlio lhe deu para implantar aquilo que ele acreditava — a educação musical. Considerava a música um direito de todos.

Getúlio utilizou o prestígio do maestro de forma populista, e Villa-Lobos implementou o canto orfeônico. Certa vez o coral do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico foi convidado a abrigar uma recepção importante agendada no Palácio do Catete. Enquanto o coral cantava, Getúlio entrou no salão. Iniciou-se o burburinho, todos queriam falar com o presidente. De repente, Villa-Lobos parou a apresentação. As pessoas se agitaram: "Maestro, o Sr. não pode parar!". Ele respondeu: "Eu vim aqui para que a nossa seja ouvida. Se não vamos ser ouvidos, paremos para ouvir a conversa deles". Esse é um exemplo de como não era subserviente. Ninguém acusa Niemeyer, Carlos Drummond de Andrade (chefe de gabinete do ministro Capanema), Lúcio Costa, Manuel Bandeira de cúmplices da ditadura".

Quanto ao projeto educacional, é necessário ressaltar que com a implantação do Canto Orfeônico nas escolas, "a população passou a ter acesso à música. Antes era privilégio dos poucos que podiam pagar. Além disso, música é uma forma de lazer barato, e um mecanismo capaz de afastar jovens do crime. O plano de educação musical que ele concebeu foi apresentado em Praga, num congresso de Educação Musical, em 1946. Foi considerado o melhor do mundo".

Villa-Lobos representa então, a identidade brasileira. Suas peças são retratos sonoros do Brasil, de fato, era um músico sem fronteiras, incluindo ainda, elementos da música indígena, rural, sertaneja e material pesquisado por Roquette Pinto.

Alguns reclamam porque ele não estudou no método tradicional. Tinha tratados de composição como livros de cabeceira. Sua música não é mais tocada porque é muito difícil. É preciso muito tempo para ensaiar. Isso significa mais dinheiro para pagamento de cachê para os músicos. Nossas orquestras acabam tocando sempre as mesmas coisas. A qualidade e a quantidade das obras que compôs, entre elas, obras camerísticas, operas, ballados, quartetos, para canto e piano, para violoncelo, enfim, obras complexas e bem elaboradas. Além disso, devemos ao maestro o ensino do canto orfeônico nas escolas. Ele coletou muitas músicas folclóricas e fez arranjos para os alunos e assim divulgou o folclore e a cultura brasileira, permitindo uma visão mais ufanista da nossa cultura e dos nossos valores.



AGENDA CULTURAL

■Dia 01 Duo de violino e piano. (FCC-Salão Dourado, às 19h): *Marluce Ferreira (violino)*, *Miriam Grossman (piano)*. Obras de Beethoven, Mignone e Grieg

■Festa Junina da Letras. (A partir de 13h no estacionamento da Letras). Organização: CA com apoio do CLA - Ilha do Fundão.

■Dias 2 e 3 Arraiá da UFRJ. Realização: Comunidade da UFRJ (Campo de futebol da Praia Vermelha, a partir das 14h)

■Dia 07: Cine Poli apresenta BLADE RUNNER. (pegar convites no curso de idiomas do BOB, sub-solo do bloco D do CT) - Sessões às 12 e 16h30, no auditório D 220 do CT, Ilha do Fundão.

■Dia 8 Recital de Harpa - Adan Vasquez (FCC - Salão Dourado, 19h): Obras de Albeniz, Britten e Escobar

■Dia 15 Polifonia Carioca Regente: Ueslei Bannus (FCC-Salão Dourado, às 19h): Obras de Bach, Barber, Villa-Lobos e Ernani Aguiar

■Dia 22 Tributo à Música Brasileira, (FCC - Salão Dourado, às 19h): *Luciano Magalhães e Marcelo Thys (piano)*, *Geilson dos Santos (tenor)* e *Vinicius Amaral (violino)*. Obras de Mignone, Villa-Lobos, Ronaldo Miranda e Cláudio Santoro.

■Dia 29 Recital de canto e piano. (FCC - Salão Dourado, às 19h). Paulo Barcellos e Maria da Glória Capanema (canto) e Eliara Puggina (piano). Obras de Fauré e Lili Boulanger.

■Dia 30 Sintonia (apresentação de shows mensais com bandas novas) — campus da Praia Vermelha, às 21h

FCC: Av. Pasteur, 250/2º andar-Praia Vermelha



Impresso na Gráfica Adois